



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

A ESPIRITUALIDADE DO CAMINHO: CONTEMPORANEIDADES E CONVERSÃO SOCIAL

The path of Spirituality: contemporaneity and social conversion

Andreia Maia Fernandes¹
Flávio Aparecido de Almeida²

Resumo:

Com as novas heranças contemporâneas em que a sociedade vive e se transforma nessa grande aldeia global, grandes e importantes aparelhos institucionais perdem sua credibilidade e garantia de permanência. Novas espiritualidades se despontam com a tentativa de se encontrar o verdadeiro sentido da vida. O homem é corpo, mas é também espírito, e esse ser espiritual busca equilíbrio emocional e melhor qualidade de vida. Nessa busca, um caminho de espiritualidade é traçado partindo do romper com o que não corresponde com o que se vive até a construção de uma espiritualidade marcada pela mutabilidade. Pluralismo, ecumenismo, macro ecumenismo são as marcas registradas dessa contemporaneidade e que colaboram com a transformação e construção de uma nova espiritualidade.

Palavras-chave: Espiritualidade; Pluralismo; Caminho; Experiência de fé

Abstract:

With the new contemporary heritages in which the society lives and becomes this big global village, great and important institutional appliances lose their credibility and guarantee of permanence. New spiritualities are emerging with the attempt to find the real meaning of life. Man is body, but is also spirit, and this spiritual being seeks emotional balance and better life quality. In this search, a path of spirituality is traced starting from breaking with what does not correspond with what is lived until the construction of a spirituality marked by mutability. Pluralism, ecumenism, macro ecumenism are the hallmarks of this contemporaneity and that collaborate with the transformation and construction of a new spirituality.

Keywords: Spirituality; Pluralism; Path; Faith Experience

Introdução

Para superar o paradigma de Parmênides quando afirma que não há mudança, que as essências, que a vida permanece sempre a mesma, Heráclito de Éfeso [540 a.C.], diz que “não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio porque as águas renovam-se a cada instante³”, ou

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória/ES.

² Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória/ES.

³ *Os Pré-socráticos*. In: *Os pré-socráticos*. Coleção Os Pensadores. Trad. José Cavalcanti de Souza *et al.* São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 93.

seja, tudo se move, tudo muda, a vida está em constante transformação. Tal dialética de Heráclito permanece atual ao perceber-se que há certa mutabilidade na condição humana e em seu contexto social.

A vida é um eterno devir, as coisas mudam. Nós estamos em constante transformação. Cada experiência acarreta numa mudança por menor que seja no nosso comportamento. Pierre Teilhard de Chardin [1881-1955] afirma que “não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual, somos seres espirituais vivendo uma experiência humana⁴”. Portanto, a espiritualidade do caminho é mais que um caminho de espiritualidade, é um caminho de mudança, de transformação social.

Caminho para onde?

O escritor anglicano britânico Charles Lutwidge Dodgson [1832-1898], mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll, em sua renomada literatura *Alice in Wonderland* de 1865 apresenta-nos a necessidade do nosso próprio caminho, “se você não sabe quem é e nem para onde vai Alice, qualquer caminho lhe serve⁵”. E para falarmos sobre a espiritualidade do caminho, iniciarmos com essa inquietação de Carroll é fundamental. Caminho para onde? De onde? Por onde?

A palavra espiritualidade tem seu contexto nascido no campo bíblico, sendo encontrada na tradição religiosa cristã. Urbano Zilles diz que ao indagar sobre seu significado ele afirma que “este é vago, como é vago o significado da palavra espírito, que lhe deu origem⁶”. Em busca, então deste conceito, Zilles, apresenta duas visões: a dos filósofos que empregam o termo como algo contrário a toda materialidade e a dos teólogos que, na falta de uma definição recorrem ao binômio mística e ascese. Enfim, não há um tratado que irá definir para nós o conceito de espiritualidade, Zilles volta no século XVI e encontra trechos em Pascal e escritos judaicos de Paulo de Tarso em que afirmam ser o homem, espírito, que quer dizer ter habilidades maiores que as que ele pode conhecer.

Temos diante de nós talvez um ponto de partida para este caminho. A espiritualidade é antes de tudo, uma experiência do ser humano, ou seja, ela é antropológica, depende da estrutura humana para acontecer. Espiritualidade trata-se de experiências sinceras com o que somos. Para isso, vale-nos os escritos de Leonardo Boff a respeito de uma espiritualidade antropológica reunidas em artigo por Roberto Zwetsch. Portanto, a nossa antropologia é uma antropologia cristã na qual

significa dizer que o nosso ponto de partida não será um ideal de ser humano que gostaríamos de ser, fraterno, amoroso, solidário e esperançoso, mas, antes, a experiência de milhões de pessoas quebradas, sofredoras, famintas, cansadas, sedentas e que gritam um grito surdo que poucos escutam⁷.

Essa é uma característica de uma antropologia que marca o povo latino-americano no qual escreve sobre uma visão teológica que nasce do chão para alcançar a “graça”, ou seja, ela é experimentada e vivida pelo povo, “de baixo para cima”. A experiência de fé só é válida se for uma experiência vivida na prática, na concretude da vida.

Tal caminho de espiritualidade perpassa por algumas vias que se encaixam em nossa vida como processos identitários e de condição social. Essas vias interpelam: 1) Um rompimento com o

⁴ CHARDIN, Pierre Teilhard. *O fenômeno humano*. Trad. Bernard Wall. França: Ed. Cultrix, 1988.

⁵ CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

⁶ ZILLES, Urbano. *Espiritualidade cristã*. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da. *Espiritualidade e Qualidade de Vida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

⁷ ZWETSCH, Roberto. *Revista Estudos Teológicos*, v. 38, n. 2, p. 141-155, 1998.

que não corresponde ao que vivemos; 2) Uma busca desenfreada por um sentido de viver; 3) A percepção de que as estruturas sociorreligiosas não nos apetezem; 4) Que caem numa decepção com a religião e sua falta de coerência; 5) Que resulta numa nova busca de sentido marcada pela mutação de experiências espirituais que vamos chamar de “novas espiritualidades”.

Heranças da contemporaneidade

Para experimentar essas cinco vias, é necessário, como afirma José Maria Vigil, entender que “para o bem ou para o mal, o mundo mudou”. Seja na cultura, ou na religião, a “mundialização” atinge a todas as estruturas humanas e sociais. Vigil afirma que

O fenômeno da mundialização, que cresceu exponencialmente no passado século XX na medida do desenvolvimento dos meios de comunicação com as novas tecnologias, está convertendo o mundo numa grande sociedade unitária, uma aldeia mundial, na qual as culturas e as religiões de cada sociedade, até agora isoladas e mutuamente ignorantes, fazem-se vizinhas e se veem obrigadas a conviver. Hoje, praticamente todas as religiões entraram em contato mútuo e todas estão presentes umas nas outras, inevitavelmente⁸.

Para Vigil, esse contexto plural apresenta-se na sociedade como um fato altamente conflitivo para as gerações e a construção da identidade do indivíduo. Quando falamos em “heranças contemporâneas” queremos ressaltar o que permanece, nesse tempo em que as tecnologias, a globalização e a famosa era das informações em tempo real gera para que as experiências humanas tenham algum sentido espiritual. Não nos cabe aqui trazer definições acerca dessa era contemporânea, primeiro por não se tratar do nosso foco e, segundo, por conta de espaço, mas, é necessário ressaltar alguns elementos, não todos, cruciais que interferem diretamente na formação espiritual e identitária do ser humano.

Numa nota introdutória de *No Espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*, Afonso M. L. Soares ao citar o pluralismo como um elemento contemporâneo, elenca quatro sintomas de pluralismo: primeiro, ele fala de um *pluralismo de fato* que é a mesma ideia de Vigil; depois um *pluralismo de direito* que, “corresponde à vontade de Deus e deve ser acolhida com gratidão, em vez de ser recusada ou combatida⁹”, é um pluralismo de princípio, digamos. O terceiro sintoma é de um *pluralismo unitivo* que Vigil considera uma espécie de tribo religiosa, em que cada religião apresenta seus elementos e ritos e que dentro dela apresenta uma unicidade capaz de levar a uma relação entre os membros; por fim, um *pluralismo contingente* que parte de uma experiência decorrente de uma condição humana ou histórica e que marca como uma vivência religiosa¹⁰.

Tratemos então, da situação de pluralismo. Chamamos de situação para não afirmarmos os estereótipos de problema, ou desafio, ou ainda de liberdade. Como muitos, erroneamente preferem definir a questão plural de experiências antropológicas sociais. Para Karen Armstrong, o pluralismo é uma oferta da vida moderna. Em seu livro *Em Nome de Deus*, Armstrong usa o pluralismo como caminho em que os fundamentalistas se apoiam na tentativa de abraçar os costumes de todas as expressões religiosas. Ela afirma que “o pluralismo vem como uma maneira de aliviar fortes tensões entre costumes e tradições religiosas, já que o aparelho institucional é deficiente e a população é menos hostil aos valores modernos¹¹”.

Ao classificar o “aparelho institucional” como deficiente, encontramos sintonia direta com o terceiro ponto desse caminho: a percepção de que as estruturas sócio-religiosas não só,

⁸ VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*. Trad. Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2006.

⁹ Id. *O paradigma pluralista: tarefas para a teologia*. Concilium 319/1 [2007], p. 35.

¹⁰ Cf. SOARES, Afonso Maria Ligorio. *No Espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.

¹¹ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus. O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

não atendem os anseios humanos, como também não provocam nenhum sentimento desiderativo em suas escolhas e decisões. Começa-se a perceber que após o rompimento com essa estrutura [primeiro passo], há um sentimento de liberdade, é como se algo estava aprisionado, e que se pode viver de um jeito diferente àquele que a religião me proporcionava, às vezes, um jeito até melhor.

Vigil, para falar a respeito do pluralismo religioso, parte da realidade atual em que o sujeito está inserido e afirma que, este se trata de um “emaranhado mundo confuso”. Por conta da aldeia global advinda do avanço moderno, é fato que no mundo atual

as religiões e as culturas vejam-se obrigadas a conviver. Muitas sociedades são pluriculturais, ou seja, compostas por grupos procedentes de vários países. Em muitas cidades há bairros habitados majoritariamente por distintas etnias ou culturas específicas. As diferentes religiões já não são tão distantes entre si: agora convivem na mesma sociedade, até na mesma cidade¹².

A próxima herança que desejamos citar aqui é o ecumenismo. Para Vigil, trata-se de um fruto gerado da árvore do pluralismo. Vigil evita a palavra ecumenismo e fala de um diálogo interreligioso, e, também de um macro ecumenismo. Ao apresentar a ideia do “reinocentrismo”, Vigil afirma que “é necessário distinguir bem o que seria a ‘religião’ de Jesus – o Reino de Deus – e o que não seria. A Igreja deve converter-se ao Reino de Deus, a religião profunda de Jesus¹³”. Logo, sua tese a respeito do diálogo interreligioso parte de que

O ecumenismo ou o diálogo interreligioso por ora deverá ser mais prático do que teórico. Não é possível resolver de início, abstratamente, as questões dogmáticas. Estas podem esperar. É muito improvável que nos unamos em discussões teóricas sem um maior respaldo de colaboração na vida. É importante começar pelo princípio, pelo centro, pela vida a qual Deus a todos nos chama, pela vida em abundância da qual todos necessitamos, que é o projeto de Jesus e o projeto de Deus (para nós, cristãos, o Reino). Somente assim evitaremos construir a casa pelo telhado e nos apoiaremos no próprio centro de nossa experiência religiosa. Dessa forma será, o nosso, um ecumenismo do Reino¹⁴.

Vigil, no fim de seu livro ainda apresenta algumas teses que ajudam a elucidar esse diálogo interreligioso. Pois, ao partir das vias desse caminho de espiritualidade em que esse começa de um ponto inicialmente negativo que é o rompimento do passado, Vigil nos alerta para que o diálogo interreligioso não caia na crise institucional, ele afirma que se esse diálogo partir de “representantes de sistemas religiosos, de instituições, o resultado não será religioso e sim institucional; não irá acolher os interesses do Espírito, e sim as negociações (doutrinárias, de poder, de influências) das instituições¹⁵”.

Peter Berger, em *O Dossel Sagrado*, alerta-nos para o problema controlador que as instituições exercem na sociedade, ele diz que “as instituições, pelo simples fato de existirem, controlam a ação humana estabelecendo padrões previamente estabelecidos de conduta¹⁶”. Quando se trata de macro ecumenismo, Vigil transporta o termo da teologia da América Latina apresentada por Pedro Casaldáliga em Quito, Equador em 1992 na ocasião da Assembleia do Povo de Deus¹⁷. Por macro ecumenismo entende-se algo que se expande em todo o continente. É “a

¹² VIGIL, 2006.

¹³ VIGIL, 2006.

¹⁴ VIGIL, 2006.

¹⁵ Id. Ibid.

¹⁶ BERGER, Peter. *Dossel Sagrado*. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

¹⁷ “*Macroecumenismo*, ratificado na Assembleia do Povo de Deus [Quito, 1992], é palavra apreciada nos grupos populares, em especial pelos Agentes de Pastoral Negros (APNs). Supõe um ecumenismo das comunidades. Oferece uma dificuldade não pequena pelo fato de propiciar uma confusão de propósitos com o diálogo entre Igrejas cristãs, sugerindo nas entrelinhas que o encontro com as outras religiões tenha no centro a Igreja e vise à unidade da Igreja. Mas o fato é que ‘o interreligioso tem consistência em si mesmo’. Por isso, talvez seja prudente usar o termo em

experiência de Deus vivida pelos cristãos do Continente. O macro ecumenismo latino-americano se baseia no macro ecumenismo do próprio Deus. São, pois, uma imagem e uma experiência de Deus os fundamentos em jogo¹⁸”.

“O cristianismo esteve convencido, pacificamente e sem discussão, de ser a única religião verdadeira, a eleita, a predestinada, [...] aquela à qual cedo ou tarde toda a humanidade se converterá¹⁹”. E por muito tempo isso funcionou. Hoje, com essas heranças contemporâneas e outras que vão se somando às mais variadas experiências, sobretudo espirituais e, não necessariamente religiosas, a construção de “novas espiritualidades” vai se afirmando num caminho construtivo. “Estamos em crise”, virou mantra e pilar de sustentação social. Válvula de escape para justificar as crises existenciais. Portanto, voltemos à imagem metafórica do *País das Maravilhas* de Carroll. O personagem Absolom questiona Alice a respeito de sua identidade. E, afirma que ela não tem o direito de ser quem acha que é. Terminamos este ponto afirmando, como ela, que eu decido quem eu sou. Se o sonho é meu, eu posso controlá-lo.

Vigil e a “hermenêutica da suspeita”

Há uma questão em igual preocupação pelos estudiosos que é levantada diante desse quadro social: essa geração inserida num contexto plural e ecumênico de experiências vividas no dia a dia, encontra no meio do caminho os chamados “mestres da suspeita²⁰”. Gosto de usar essa expressão, pois, além dela inaugurar um pensamento contemporâneo – porque não, ser essa, mais uma “herança da contemporaneidade”? – ela também nos remete a uma nova forma de pensar. Um jeito novo de ver as coisas, uma oportunidade de se indagar e questionar por que seguimos tais regras, tal religião, tal conceito, enfim.

Com as transformações do mundo, a evolução, o avanço da ciência, a inserção desenfreada da cultural digital, “propiciaram o surgimento de uma *atitude de suspeita* e, feito muitos cristãos e teólogos questionarem estas convicções até então intocáveis²¹”. Isso porque as experiências e o modo de viver na sociedade se altera com essa nova configuração de mundo moderno. Começam a criar-se teorias, as pessoas começam a desenvolver um pensamento mais crítico, aquele que questionava o que antes nunca e nem ninguém foi capaz de questionar. O famoso “sempre foi assim”, “sempre funcionou assim” não se encaixa mais no novo modelo de mundo.

Quando olhamos para trás, as culturas religiosas, as instituições, vemos, por exemplo que havia uma certa infalibilidade cristã. A fé não era objeto de questionamento. Eu tinha fé porque simplesmente tinha. Ou, eu tinha fé porque meus bisavôs tinham e ensinaram para meus avós que, transmitiram para meus pais e que ensinaram a mim. Ou ainda, eu tinha fé porque a catequese e a Igreja me fizeram ter e me fizeram assim. Hoje, segundo Vigil, ao olhar para a

questão com parcimônia”. [Cf. SOARES, Afonso Maria Ligorio. *No Espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 12.]

¹⁸ VIGIL, 2006.

¹⁹ Id. Ibid.

²⁰ Transporte o termo “mestres da suspeita” da filosofia contemporânea. O termo foi inaugurado pelo filósofo francês Paul Ricoeur [1913-2005]. Ricoeur, um importante filósofo pós Segunda Guerra Mundial foi capaz de renovar o pensamento filosófico apresentando uma hermenêutica fenomenológica. Para quem ler as obras ricoeurianas, *O si-mesmo como o outro; Finitude e culpabilidade; Da interpretação, ensaios; Existência e hermenêutica...* percebe que seu trabalho vai além de uma bibliografia sobre símbolos e representações, mas, trata-se mais profundamente de um caminho hermenêutico que se esforça para que eu possa me compreender melhor, e compreender o mundo com mais clareza.

²¹ VIGIL, 2006.

geração que Amadeo Cencini chama de “geração que discerne”, esta percebe que até mesmo as instituições eram falhas. Erravam. Erraram. Esta geração passa a discernir, quer dizer, passa a colocar em suspeita se ter fé é mesmo uma coisa boa. Essa geração passa a indagar por que que é assim, critica o que não condiz com o que está escrito no Livro. Julga, com consciência crítica certas ações que não parecem estar em sintonia com o estilo de vida cristão. Portanto, rompem com essa ideologia, com a estrutura, as vezes até com a família e passam a ingressar uma busca desenfreada rumo a um sentido de vida que os satisfaçam. Será que o contexto de dominação, perseguição, condenação de inocentes, o contexto de grande miséria, a pobreza, não teria um interesse que beneficiaria alguém?

É possível que determinadas doutrinas teológicas tenham se desenvolvido sob o influxo dos interesses de determinados grupos, porque os beneficiariam, justificariam sua hegemonia ou fariam possível sua dominação sobre outros grupos. É possível... porque é muito humano²².

A hermenêutica da suspeita trata-se então, assim como na filosofia com os mestres da suspeita, de uma interpretação nova, ou de uma teoria que há anos foi construída e que nunca foi indagada, ou, de uma interpretação que abre a consciência crítica para questionar aquilo que, talvez pode ser feito e pensado de outra forma. A hermenêutica da suspeita “trata de descobrir raízes e fatores, inconscientes ou deliberadamente ocultos, determinantes na elaboração de certa teoria ou doutrina²³”. Com essa atitude dessa geração que discerne, a história é revisitada e interpretada a partir de um novo olhar. Não se trata de estar mais certo ou mais errado, trata-se simplesmente de que o que foi dito antes pode ser dito de outra forma. E assim a atualização dos conceitos, teorias podem acontecer e se encaixar no nosso novo jeito de viver. Que é o que a geração de hoje busca.

Para Vigil,

Toda doutrina, teologia ou espiritualidade que no passado produziram efeitos deletérios de opressão, domínio, desprezo, dor ou destruição contra outros grupos, povos ou religiões, precisam ser colocadas sob suspeita e, no mínimo, reavaliadas. Pois, em princípio, estão sob suspeita de ser mera ideologia²⁴.

Para concluir o capítulo a respeito da *hermenêutica da suspeita* Vigil cita o mínimo de princípio ético, e, nisso, ele busca na *regra de ouro* que o evangelho cita.

Muitas opiniões e doutrinas emitidas na história do cristianismo não cumprem o mínimo ético, a *regra de ouro* afirmada expressamente no Evangelho: “Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles” (Mt 7,12). Nós nos sentiríamos muito ofendidos caso outras religiões tivessem para conosco atitudes semelhantes a algumas que nós temos observado em frente a elas em nossas posições doutrinárias. Temos que submeter novamente ao juízo do Evangelho estas doutrinas, que durante tanto tempo proclamamos ingenuamente, e reconsiderá-las a partir de agora sob a *hermenêutica da suspeita*.²⁵

Tal hermenêutica da suspeita não parte apenas de uma ideologia cristã ou religiosa. Vigil afirma que tal teoria tem que ir além do campo religioso, econômico, político e, também cultural. “A religião, do ponto de vista antropológico, é parte da cultura, e em boa parte devedora do contexto cultural em que se desenvolveu historicamente”²⁶.

As “novas espiritualidades”

²² VIGIL, 2006.

²³ VIGIL, 2006.

²⁴ VIGIL, 2006.

²⁵ VIGIL, 2006.

²⁶ VIGIL, 2006.

Com o enfraquecimento da relação dos indivíduos com as instituições tradicionais, cada um começa a sua saga em busca de uma qualidade de vida espiritual pessoal. Massimo Bonato elenca dois motivos para essa busca espiritual e de sentido. Primeiro, ele fala de um “bem-estar físico” muitas vezes “norteada por princípios como o equilíbrio entre corpo-mente-espírito²⁷”. Segundo, cita o “equilíbrio emocional” como uma tentativa de se desvencilhar dos sentimentos de angústia, tristeza e depressão.

Baseado na teologia de Enzo Pace, Bonato se dispõe a investigar a respeito dessas “novas espiritualidades e propor instrumentos conceituais para classificá-las e compreendê-las²⁸”. Há nesse processo uma via ética que perpassa sobre a mais relevante situação identitária do indivíduo: o que é essencial para o ser humano e o que define como pessoa. Esse caminho de espiritualidade, ao passar pelas 5 vias que citamos no início do artigo, é um caminho que vai buscar uma transformação ética, política e econômica também. Não se trata apenas de buscar um equilíbrio para as emoções como Bonato aponta, mas, ao entrarmos na obra de Pace, percebemos que a cultura contemporânea com suas heranças está fortemente marcada pelo tema da secularização. Tal temática, segundo Bonato é que vai dar firmeza na distinção de “modelos absolutos de salvação, próprios das religiões tradicionais, dos padrões relativos de conduta, propostos pelas espiritualidades holísticas²⁹”.

A determinante social principal nesse caminho é a “autonomia”. A busca pela autonomia, liberdade, confirmação. O “eu posso” do sujeito moderno. Essa autonomia torna-se princípio para o indivíduo. Vejamos: se a pessoa rompe com o seu passado porque ele ditava onde deveria pisar, qual caminho deveria seguir, agora ele busca certa autonomia e afirmação de que, sendo o sujeito que é, sendo espírito, ele próprio poderá decidir qual caminho seguir. E aí, a busca pela harmonia espiritual ganha um forte peso nesse caminho de transformação pessoal e social.

Aqui estamos entrando no campo da ética social. Pensar a espiritualidade nesse campo, significa buscar uma dimensão social para aquilo em que acreditamos como crença.

A dimensão ética da espiritualidade é aquela cuja expressão é mais perceptível, posto que diz respeito ao modo de viver do cristão no mundo, tanto no aspecto individual quanto comunitário. De acordo com as tradições evangélicas a respeito de Jesus, era essa dimensão cristã que se pretenda fiel aos ensinamentos de Jesus, ética e espiritualidade são inseparáveis³⁰.

Conclusão

À guisa de conclusão, ressaltamos que o caminho de espiritualidade é um caminho antropológico, pois é um caminho que passa pelas vias sociais e nos convidam a reavaliar nossas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmos. Não só antropológico, é um caminho ético. Propõe uma configuração ético-social. Isso significa que assim como eu posso entrar nesse caminho, o outro também faz o seu percurso, e, mesmo por vias diferentes, cada um, busca a sua própria espiritualidade.

Voltando à teologia libertadora e espiritual de Teilhard de Chardin, essa poesia nos mostra perfeitamente a relação entre religião e espiritualidade:

A religião não é apenas uma, são centenas.

²⁷ BONATO, Massimo. *Una religiosità senza religioni: spirito, mente e corpo nella cultura olistica contemporanea*. In.: Debates do NER, Porto Alegre, ano 18, n. 31, p. 333-341, jan/jun. 2017.

²⁸ Id. Ibid.

²⁹ Id. Ibid.

³⁰ GONÇALVES, José Mário. *Ética e espiritualidade no fundamentalismo: desafio teológico, pastoral e político*. In.: ROCHA, Abdruschin Schaeffer; OLIVEIRA, David Mesquiati de; MARLOW, Sérgio Luiz. *Espiritualidades Contemporâneas*. Vitória-ES: Editora Unida; Faculdade Unida de Vitória, 2013.

A espiritualidade é apenas uma.

A religião é para os que dormem.

A espiritualidade é para os que estão despertos.

A religião é para aqueles que necessitam que alguém lhes diga o que fazer e querem ser guiados.

A espiritualidade é para os que prestam atenção à sua Voz Interior.

A religião tem um conjunto de regras dogmáticas.

A espiritualidade te convida a raciocinar sobre tudo, a questionar tudo.

A religião ameaça e amedronta.

A espiritualidade lhe dá Paz Interior.

A religião fala de pecado e de culpa.

A espiritualidade lhe diz: ‘aprenda com o erro’...

A religião reprime tudo, te faz falso.

A espiritualidade transcende tudo, te faz verdadeiro!

A religião não é Deus.

A espiritualidade é Tudo e, portanto, é Deus.

A religião inventa.

A espiritualidade descobre.

A religião não indaga nem questiona.

A espiritualidade questiona tudo.

A religião é humana, é uma organização com regras.

A espiritualidade é Divina, sem regras.

A religião é causa de divisões.

A espiritualidade é causa de União.

A religião lhe busca para que acredite.

A espiritualidade você tem que buscá-la.

A religião segue os preceitos de um livro sagrado.

A espiritualidade busca o sagrado em todos os livros.

A religião se alimenta do medo.

A espiritualidade se alimenta na Confiança e na Fé.

A religião faz viver no pensamento.

A espiritualidade faz Viver na Consciência...

A religião se ocupa com fazer.

A espiritualidade se ocupa com Ser.

A religião alimenta o ego.

A espiritualidade nos faz Transcender.

A religião nos faz renunciar ao mundo.

A espiritualidade nos faz viver em Deus, não renunciar a Ele.

A religião é adoração.

A espiritualidade é Meditação.

A religião sonha com a glória e com o paraíso.

A espiritualidade nos faz viver a glória e o paraíso aqui e agora.

A religião vive no passado e no futuro.

A espiritualidade vive no presente.

A religião enclausura nossa memória.

A espiritualidade liberta nossa Consciência.

A religião crê na vida eterna.

A espiritualidade nos faz consciente da vida eterna.

A religião promete para depois da morte.

A espiritualidade é encontrar Deus em Nosso Interior durante a vida³¹.

Vivemos em tempos de que a busca por essa tal autonomia do sujeito, a necessidade de se afirmar como pessoa e a formação da identidade é algo que ocupa as principais preocupações de cada ser humano. Se voltarmos à literatura de Carrol, no fim da história a jovem Alice entra

³¹ CHARDIN, 1988 [grifo nosso].

num caminho de busca de espiritualidade e afirmação social. O rompimento corresponde à sua queda; a busca por um sentido novo corresponde às portas em que Alice tenta encontrar aquela no qual ela se encaixa. No fim da história Alice nos diz que “o impossível é possível se eu acreditar que é”. Isso é um verdadeiro caminho de espiritualidade, um corajoso caminho de transformação social.

A conversão social parte do respeito diante do caminho que o outro decidiu percorrer. É mais que uma decisão pessoal e social, é uma postura ética resultado de um caminho de espiritualidade que, de fato, produziu uma mudança de vida, uma transformação radical. Essa geração que discerne, partindo da autonomia individual, trilhar seus caminhos sendo guiados pelas novas estruturas que vão construindo, e não são estruturas fechadas, alçadas em calhamaços de ordens, proibições e leis, mas são estruturais maleáveis e facilmente adaptáveis, o risco que se corre a partir disso é ingressar no novo movimento que o sociólogo, antropólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman [1925-2017] cunhou de “modernidade líquida”. O risco é liquificar as relações, os sentimentos, até mesmo as decisões. Nada dura para sempre, tudo é líquido e não pode permanecer. Qual é o perigo? De se perder as referências essenciais para a construção firme e eficaz de uma consciência crítica e de uma identidade forte capaz de se desvencilhar das mais variadas heranças que a modernidade irá nos arremessar. Por conta desse progresso e da globalização que vivemos hoje, para Bauman, hoje não há mais um conflito entre classes, mas, existe uma guerra de cada um, de cada pessoa contra toda a sociedade. Portanto, construir um caminho de espiritualidade que esteja pautado numa ética do bem viver, numa conversão social e numa abertura à transformação pessoal, é essencial.

Referências

BERGER, Peter. *A Desseccularização do Mundo: uma visão global*. In: *Religião e Sociedade*, vol. 21, nº 1, CER/ISER, Rio de Janeiro, p. 9-23, 2001.

BONATO, Massimo. *Uma religiosità senza religioni*. In.: *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 8, n. 31, p. 333-341, jan./jun. 2017.

GONÇALVES, José Mário. Ética e espiritualidade no fundamentalismo: desafio teológico, pastoral e político. *Espiritualidades Contemporâneas*. ROCHA, Abdruschin Schaeffer; OLIVEIRA, David Mesquiati de; MARLOW, Sérgio Luiz. Vitória-ES: Editora Unida; Faculdade Unida de Vitória, 2013.

PACE, Enzo. *Una religiosità senza religioni: Spirito, mente e corpo nella cultura olistica contemporanea*. Napoli: Guida editori, 2015.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. *No espírito do Abbá: fé, revelação e vivências plurais*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso para uma releitura do cristianismo*. Trad. Maria Paula Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2006.